



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

BRUNO DA COSTA SOUZA

**AS INFLUÊNCIAS DO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE JAPONÊS COMO L2
NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE JAPONÊS COMO LE, OU VICE-
VERSA: ESTUDO DE CASO DE U MA APRENDIZ BRASILEIRA RECÉM-
VOLTADA AO BRASIL**

Brasília2015

BRUNO DA COSTA SOUZA

**AS INFLUÊNCIAS DO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE JAPONÊS COMO L2
NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE JAPONÊS COMO LE, OU VICE-
VERSA: ESTUDO DE CASO DE UMA APRENDIZ BRASILEIRA RECÉM-
VOLTADA AO BRASIL**

Monografia apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado em Letras,
pelo Curso de Letras: Língua e Literatura Japonesa
da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Yûki Mukai

Brasília

2015

BRUNO DA COSTA SOUZA

**AS INFLUÊNCIAS DO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE JAPONÊS COMO L2
NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE JAPONÊS COMO LE, OU VICE-
VERSA: ESTUDO DE CASO DE UMA APRENDIZ BRASILEIRA RECÉM-
VOLTADA AO BRASIL**

Monografia apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado em Letras,
pelo Curso de Letras: Língua e Literatura Japonesa
da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Yûki Mukai

Aprovado com louvor e distinção em 19 de junho de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Yûki Mukai – Universidade de Brasília
(Orientador)

Profa. Ms. Kimiko Uchigasaki Pinheiro – Universidade de Brasília
(Examinadora)

Profa. Saori Nishihata – Universidade de Brasília
(Examinadora)

Dedico este trabalho a todos que influenciaram na concepção do mesmo de forma direta ou indireta.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, prof. Dr. Yûki Mukai por ter me aceitado como orientando, pela dedicação e paciência me instruindo por um caminho de sucesso e por todo o ensinamento que me foi dado durante o curso.

Aos meus pais pelo constante apoio emocional e moral e pelo incentivo diário para realização e conclusão deste trabalho.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia. Aos amigos e colegas, pelo incentivo e pelo apoio constantes.

A participante da pesquisa, que se disponibilizou tornando esse trabalho possível, muito obrigado.

RESUMO

Este estudo identifica o processo de aprendizagem/aquisição da língua japonesa entre japonês como língua estrangeira como segunda língua vivenciadas por uma aprendiz brasileira. Esta aprendiz realizou um intercâmbio no Japão por um período de um ano tendo assim a experiência com a língua em diferentes contextos – contexto brasileiro e contexto japonês. Esta pesquisa tem como intuito instigar uma reflexão referente à aprendizagem/aquisição da Língua japonesa em diferentes contextos. Um dos objetivos foi verificar a influência que cada contexto exerce um sobre o outro, podendo assim talvez por meio dos resultados obtidos possibilitar o desenvolvimento de métodos e técnicas que efetivem ainda mais o ensino-aprendizagem da língua japonesa. A justificativa para este tema é à carência de pesquisas que analisem a forma que o japonês como LE é afetado durante o processo de aquisição do japonês como L2 ou vice versa, no contexto brasileiro. O estudo contou apenas com uma participante. A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa-interpretativista e sua natureza é o estudo de caso. Os seguintes instrumentos foram utilizados para a coleta de dados: questionário misto, observação de aula não participante com notas de campo, narrativa escrita e entrevista semiestruturada com gravação de áudio. Os resultados mostraram que apesar do contato com a língua ser maior no contexto japonês principalmente em situações ligadas ao dia a dia que resultariam no processo de aquisição, a participante ainda sim precisou conciliar o processo de aquisição ao processo de aprendizagem que ocorre dentro de sala, obtendo assim um resultado que ela mesma julgou como efetivo no domínio da língua. Tendo como base seus conhecimentos prévios adquiridos no contexto brasileiro sobre a língua japonesa como LE, a participante conseguia um desempenho razoável na comunicação no contexto japonês, seu foco estava mais voltado na transmissão da mensagem principalmente nas situações que ocorriam fora da sala de aula. Entretanto, mantinha se parcialmente vigilante quanto à forma. Já no contexto brasileiro o maior contato da participante com a língua japonesa é em sala de aula, onde a forma ganha mais destaque na comunicação, o que causa certo atraso nas respostas. Porém em situações de conversas informais foi observado que a participante apresenta certa espontaneidade, provável resultado da familiarização com o uso da língua em situações do dia a dia onde o foco na forma não se sobressai ao foco da transmissão da mensagem.

Palavras-chave: Aprendizagem. Aquisição. Segunda língua. Língua Estrangeira. Língua japonesa.

ABSTRACT

This study identifies the learning/acquisition process of the Japanese language between Japanese as a Foreign Language and as a Second Language lived by a Brazilian female student. This apprentice went in an internship in Japan for a one year period having the experience with the language in both realities - in Brazil (foreign language) and in Japan (second language) - intending to instigate a reflection referring the Japanese Language learning/acquisition. One of the objectives is to verify the fluency that each context exercises on one another, in order to, through the given results, allow the development of methods and techniques that effective even more the Japanese Language teaching-learning process. The explanation to this theme is the need of researches that analyse the way Japanese as a Foreign Language is affected during the process of acquisition, as a Foreign Language or as a Second Language, in the Brazilian context. The study has only one subject. The following research features as qualitative-interpretative and its nature is the case study. The instruments used to collect the data were: mixed survey, non-participating class observation with field notes, written narrative and semi structured interview with audio recording. The results have shown that despite the greater contact with the Language in the Japanese context, mainly in daily related situations that could result in the acquisition process, the participant still needed to reconcile the learning acquisition process that occur in class, obtaining a result she considered efficient to dominate the Language. Having as a base her previous knowledge from the Brazilian context about Japanese as a Foreign Language, the subject had a reasonable performance to communicate. She focused primarily on message transmission in outside class situations. However, she kept herself partially careful regarding the form. In the Brazilian context the greatest contact the participant had with Japanese was in class, where the form is highlighted above communication, something that causes certain answers delay. But, in informal conversations situations it was observed that the subject had spontaneity in a certain level, probably as a result of her familiarization with daily situations where the focus on form is not superimposed on the message transmission focus.

Keywords: Learning. Acquisition. Second language. Foreign language. Japanese language.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados da Participante.....	21
Quadro 2 – Disciplina observada e ementa da mesma.....	22
Quadro 3 – Cronograma de observação das aulas.....	23
Quadro 4 – Gráfico conhecimento da LJ da participante.....	24

LISTA DE SIGLAS

LA	-	Língua-Alvo
LE	-	Língua Estrangeira
LJ	-	Língua Japonesa
L1	-	Língua Materna
L2	-	Segunda Língua

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
1.1	OBJETIVOS.....	1
1.2	PERGUNTAS DE PESQUISA	1
1.3	JUSTIFICATIVA.....	2
1.4	ESTRUTURA DO TRABALHO	2
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	3
2.1	REFLEXÕES SOBRE A DISTINÇÃO DE AQUISIÇÃO E APREDIZAGEM	3
2.2	CONSIDERAÇÕES SOBRE LÍNGUA ESTRANGEIRA E SEGUNDA LÍNGUA	5
2.3	TEORIA DE KRASHEN (1987)	6
2.3.1	Ordem natural	6
2.3.2	Input.....	6
2.3.3	A hipótese do monitor	7
2.3.4	O filtro afetivo	7
3	METODOLOGIA	8
3.1	METODOLOGIA E NATUREZA DA PESQUISA.....	8
3.2	CONTEXTO DE PESQUISA.....	9
3.3	A PARTICIPANTE	9
3.4	INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS.....	10
3.4.1	Descrição dos instrumentos	10
3.5	PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS.....	13
3.6	PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS	13
3.7	CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	13
4	ANÁLISE E INTREPRETAÇÃO DOS DADOS	15
4.1	AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM DA LÍNGUA JAPONESA NO CONTEXTO JAPÃO	15
4.2	AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM DA LÍNGUA JAPONESA NO CONTEXTO BRASIL	18
4.3	PARÂMETRO GERAL	19
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
5.1	CONCLUSÃO	22

5.2	CONTRIBUIÇÕES DO ESTUDO.....	23
5.3	LIMITAÇÕES DA PESQUISA.....	23
	REFERÊNCIAS	25
	LISTA DOS APÊNDICES.....	28
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	29
	APÊNDICE B – CARTA DE SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA (AO PROFESSOR)	30
	APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO.....	31
	APÊNDICE D – ORIENTAÇÕES PARA A NARRATIVA ESCRITA.....	34
	APÊNDICE E – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	35

1 INTRODUÇÃO

Atualmente o estudo de uma Língua Estrangeira (doravante LE) tornou-se praticamente obrigatório, cada vez mais as pessoas tem a necessidade e interesse de se comunicarem em outra língua, seja esta comunicação por meio da escrita ou da oralidade. Sendo assim o número de sujeitos bilíngues até mesmo multilíngues aumentou consideravelmente. Devido à globalização, um número maior de intercâmbios são gerados dando oportunidades às pessoas que almejam experiências acadêmicas ou profissionais em outros países.

Os indivíduos inseridos em outro país são expostos à língua nativa de tal forma, por exemplo, o simples ato de fazer compras no supermercado ou em situações que utilizam a língua de modo mais elaborado (trabalho/escola). O convívio com a mesma torna-se algo comum, onde a aprendizagem/aquisição é modificada para a perspectiva de uma segunda língua (doravante L2). Entretanto há casos em que o individuo mesmo imerso no país não consegue consolidar seu aprendizado linguístico. Muitos inseridos em uma realidade de intercambio absorvem/desenvolvem algum habito seja ele linguístico ou cultural do país.

1.1 Objetivos

O objetivo geral da presente pesquisa é de instigar uma reflexão referente à aprendizagem/aquisição da língua japonesa em diferentes contextos brasileiro e japonês.

Os seguintes objetivos específicos foram propostos na seguinte pesquisa:

- a) Investigar o processo de aquisição de japonês da participante como L2 no contexto japonês;
- b) Identificar o processo de aprendizagem de japonês da participante como LE no contexto brasileiro;
- c) Verificar as influências do processo de aquisição de L2 no processo de aprendizagem de LE, ou vice-versa.

1.2 Perguntas de pesquisa

A partir dos objetivos acima propostos, procuramos responder às seguintes perguntas de pesquisa:

- a) Qual é o processo de aquisição de japonês da participante como L2 no contexto japonês?

b) Qual é o processo de aprendizagem de japonês da participante como LE no contexto brasileiro?

c) Como o processo de aquisição de L2 influencia no processo de aprendizagem de LE, ou vice-versa?

1.3 Justificativa

A justificativa para atual pesquisa é devido à carência de pesquisas que analisem a forma que o japonês como LE é afetado durante o processo de aquisição do japonês como L2 ou vice versa, no contexto brasileiro.

1.4 Estrutura do Trabalho

Este foi organizado em cinco capítulos, sendo o primeiro como já foi visto a introdução evidenciando e apresentando os objetivos, perguntas de pesquisa e também a justificativa. No segundo capítulo esta presente o pressuposto teórico onde é apresentado a concepção da teoria aprendizagem/aquisição segundo Krashen (1987) levando em consideração as críticas a mesma. O terceiro descreve a metodologia presente no trabalho, se tratando de uma pesquisa qualitativa interpretativa, descreve também a participante e contexto entre outros tópicos. No quarto capítulo é feita a análise e discussão dos dados e por fim, no ultimo é quinto capítulo contém as considerações finais o que incluir a conclusão.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 REFLEXÕES SOBRE A DISTINÇÃO DE AQUISIÇÃO E APREDIZAGEM

Alguns autores, como Ellis (1987) e Gass (1889), optam por não fazer essa diferenciação: aquisição e aprendizagem, utilizando-os até mesmo de forma intercambiável¹. Opta-se pela distinção feita pelos autores Krashen (1981) e McLaughlin (1978), acredita-se que a aquisição e aprendizagem são processos diferentes. Cabe ressaltar que apesar dessa distinção consideramos que são processos complementares, tendo em vista que por meio de uma experiência implícita, por meio da aquisição, apenas parte do conhecimento é assimilado, sendo necessário assim também uma experiência explícita, entende-se como aprendizagem, Dekeyser (2005 apud DOUGHTY; LONG, 2005, p.319).

Para Krashen (1987) a aquisição de uma língua estrangeira é um processo subconsciente, sendo este semelhante à aquisição da língua materna (doravante L1), devido à necessidade de comunicação, estando diretamente ligada à interação do sujeito na língua-alvo (doravante LA) e a comunicação natural. Sem um esforço consciente por parte do sujeito onde o foco seria o que as mensagens que estão exprimindo e entendendo e não na forma estrutural, o falante pode corrigir-se futuramente por meio da intuição da sua gramaticalidade. A aprendizagem de uma língua estrangeira, por sua vez, depende do esforço intelectual, ou seja, processo consciente. Para acontecer o processo de aprendizagem tem que haver um caráter mais técnico, de modo geral um ensino formal, em uma sala de aula, através de matérias didáticos, onde o foco é a gramática e as regras da língua. O falante pensa primeiro na forma da nova língua, produzindo então sentenças gramaticalmente corretas. Neste caso quando ocorre erro na construção de sentenças gramaticais, a correção é importante mecanismo para elaboração mental da gramática. Este processo não é suficiente para que o falante tenha uma competência comunicativa que se equipare a de um nativo, isso ocorrerá apenas se houver aquisição segundo Krashen.

Resumindo a posição teórica de Krashen (1987), a aquisição se refere ao processo natural, subconsciente, informal de aprendizagem tal como se aprende a L1. Já a aprendizagem diz respeito ao processo analítico, consciente e formal de aprendizagem como o que ocorre em sala de aula.

McLaughlin (1978) utiliza os fatores formal e informal, para diferenciar o termo aquisição de aprendizagem. Um indivíduo inserido usualmente em um ambiente natural,

¹ Utilizando os dois termos de forma alternada com o mesmo propósito sem que o resultado seja prejudicado.

entende-se por ambiente natural um lugar onde a comunidade interage na língua-alvo, interagindo com falantes nativos, sem orientações da forma, tem caráter informal da aquisição da língua. Agora na característica formal, o sujeito está em um ambiente controlado. Ou seja, em sala de aula, onde aprende as regras, corrige os erros etc., em caráter de aprendizagem convencional.

Segundo McLaughlin (1978), fator como “idade” determina a diferença entre aquisição simultânea e a aquisição sucessiva de duas línguas. Crianças que adquire as duas línguas antes dos três anos se encaixam no processo de aquisição simultânea, já no processo de aquisição sucessiva são as que adquirem de uma língua estrangeira após essa idade.

McLaughlin (1978 apud CALLEGARI, 2006, p. 88) acredita que a hipótese de Krashen é falha, alegando que o mesmo não defini nitidamente os termos “aquisição”, “aprendizagem”, “consciente” e “subconsciente” tornando impossível determinar exatamente o que seriam “língua adquirida” e “língua aprendida”.

Outro aspecto que questiona é a metodologia adotada por Krashen, na constatação de que as estruturas foram “adquiridas”. Para ele não existem mecanismos que consigam detectar a sutil diferença para o falante de língua estrangeira identificar ao elaborar uma sentença, se utilizou do conhecimento gramatical da língua ou da intuição.

A questão de “aprendizagem” e “aquisição” estão fortemente ligada em caráter binário, as noções de “conhecimentos linguísticos explícitos” e a “conhecimentos linguísticos implícitos”. Respectivamente, relacionados conhecimentos linguístico (principalmente gramáticas) adquiridos por meio de matérias didáticos ou em sala de aula. O segundo refere-se ao uso espontâneo da língua, da mesma forma que um falante nativo domina a sua língua materna (BIALYSTOK, 1978, p. 72).

Assim como Krashen (1981) e apesar das críticas de McLaughlin (1978) assumimos que aquisição é uma processo inconsciente, que ocorre intuitivamente e naturalmente em um ambiente informal/natural. A aprendizagem, por sua vez é um processo consciente o qual constrói o conhecimento linguístico por meio do ensino gradual, prática de conteúdos, correção do erro em um ambiente controlado/formal como a sala de aula. Cabe ressaltando que assim como Sakoda (2002, p. 45 apud MUKAI, 2009, p. 37) acreditamos que a “aprendizagem consciente” pode influir no processo de “aquisição”, principalmente no contexto de uma L2. Indo contra a hipótese de não interferência de Krashen (1987).

2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE LÍNGUA ESTRANGEIRA E SEGUNDA LÍNGUA

O conceito entre essas nomenclaturas, língua estrangeira e segunda língua, tem causadas divergências no meio acadêmico. Jhonson e Jhonson (1998 apud SANTOS, 2008, p. 30) afirmam que os dois destacados são usados como sinônimos, referindo-se a qualquer língua que não seja a dos nativos. Um dos fatores que causam essas divergências é que ambas são desenvolvidas por indivíduos que já possuem habilidades linguísticas de fala. Sendo assim os conceitos escolhidos foram o que mais se aproximam da perspectiva abordada no tema.

Entende-se por segunda língua (L2) uma língua que é adquirida devido à necessidade comunicacional e dentro processo de socialização, em qualquer estágio da sua vida em outro país que não da sua língua materna Ellis (2003 apud SANTOS, 2008, p. 30). É necessário um contato mais intensivo com uma nova língua onde é exigido que a comunicação seja diária e que a língua desempenhe um papel na integração em sociedade. A língua estrangeira (LE), por sua vez, é a aprendizagem de uma língua no país que não seja o da língua longe da cultura. Numa segunda língua se possui uma maior eficiência e melhor desempenho, pois o meio ou a situação existe isso do falante. O mesmo nível de conhecimento nem sempre é exigido do aprendiz de língua. Segundo Ellis (2003) uma segunda língua pode ser qualquer língua ensinada após a língua materna. Portanto, podendo ser esta uma terceira ou quarta língua em processo de aprendizagem ou não.

Resumindo atualmente as noções de LE e L2, diferenciam-se com base no contexto de onde se aprende a língua estrangeira:

[...]caso se aprenda o inglês, por exemplo, nos países ou comunidade em que se fala/utiliza essa mesma língua como meio de comunicação, considera-a como segunda língua (L2); caso se aprenda o inglês nos países ou comunidade em que não se fala/utiliza essa mesma língua como meio de comunicação, considera-a como língua estrangeira (LE). (MUKAI, 2009, p.8).

Assim como Ellis, acreditamos na distinção de L2 é uma língua ensinada em um país diferente da sua língua materna. Entretanto, cabe destacar que vários países adotam mais de uma língua como oficial, como por exemplo: o Canadá que tem o inglês e o francês onde

em um determinado momento da vida acadêmica os alunos passam a receber a disciplina na outra língua.

Na presente pesquisa iremos desenvolver L2 como língua japonesa aprendida no Japão, LE será tratada como língua japonesa aprendida no Brasil.

2.3 TEORIA DE KRASHEN (1987)

Composta por cinco hipóteses principais: a de aquisição-aprendizagem; a da ordem natural; a do *input*; do monitor e a do filtro afetivo. Como verificamos a hipótese de aquisição-aprendizagem de Krashen (1987) na seção 2.1, veremos, nesta seção, as demais hipóteses.

2.3.1 Ordem natural

Diretamente relacionada à aquisição e não à aprendizagem. Krashen supõe que existe uma ordem natural - previsível - na aquisição das regras da língua materna, da mesma forma que existe uma ordem na aquisição das estruturas gramaticais da L2. No entanto, “a ordem de aquisição para L2 não é a mesma que a ordem de aquisição para L1” (KRASHEN, 1982, p.13), ou seja, a ordem de aquisição de uma língua é diferente para um nativo que tem esta língua como L1, da ordem em que indivíduo adquiriu a mesma língua tendo ela como L2.

2.3.2 Input

Para Krashen a aquisição da língua só ocorrerá se o indivíduo for exposto a porções da língua-alvo (*input*), sendo esse um processo gradual para que o indivíduo passe de um estado de conhecimento para outro.

Determina que o nível de conhecimento atual do aprendiz é *i* e que o estímulo ideal – *input* – para a aquisição da língua seria *i* + 1, contendo informação linguística um nível acima. Para a compreensão o aprendiz se foca no significado da e não na forma da mensagem. O indivíduo que está adquirindo a língua está preocupado com o uso que pretende fazer dela e não com a forma (FIGUERDO,1995, p.50).

A hipótese afirma que se o estímulo compreensível é suficiente a gramática necessária é automaticamente fornecida e produção oral é o resultado da aquisição e não a sua causa, sendo algo que não pode ser ensinada.

2.3.3 A hipótese do monitor

De acordo com a hipótese do monitor tanto a aquisição como a aprendizagem são usadas de maneiras bem específicas. Sendo a aquisição a produção criativa, responsável pela habilidade em produzir sentenças em língua estrangeira. Já a aprendizagem tem a função de monitor (editor) atuando unicamente na produção de sentenças gramaticalmente corretas, corrigindo e adequando-as produção criativa, antes ou depois das expressões faladas, caso não estejam de acordo com as regras aprendidas da língua estrangeira em questão.

O monitor só entra em ação em três condições: (KRASHEN, 1986 apud FIGUEIREDO, 1995, p. 51).

a) O tempo: o indivíduo precisa ter tempo para que o indivíduo possa pensar sobre as regras conscientemente e usá-las de maneira efetiva, ele precisa ter tempo. Geralmente, em uma conversação normal, o indivíduo não tem tempo suficiente para pensar sobre as regras e usá-las corretamente. Desta forma, o monitor 'poderá ser' mais eficiente na produção escrita ou em testes gramaticais.

b) Foco na forma: para que o monitor seja usado de forma efetiva, o fator 'tempo' não é suficiente. O indivíduo deve também concentrar-se na forma ou correção. Mesmo tendo tempo, ele pode estar tão envolvido no que diz que não se dá conta de como diz.

c) Conhecimento das regras: segundo Krashen (1982, p. 16), "esta pode ser uma exigência terrível", pois sabemos que "nossos alunos são expostos a apenas uma parte da gramática de uma língua e mesmo os melhores alunos não aprendem todas as regras a que são expostos" (ibidem) (tradução nossa).

2.3.4 O filtro afetivo

O filtro afetivo é "um bloqueio mental que impede os indivíduos de utilizarem totalmente o *input* compreensível que eles recebem para a aquisição da língua" (KRASHEN, 1985, p.3). É preciso que os indivíduos estejam acessíveis ao *input*, por meio de condições psicológicas favoráveis (motivação elevada, baixa ansiedade e autoconfiança elevada) isto é o filtro afetivo deverá estar baixo o que facilitará a aquisição da L2 por parte do indivíduo. Krashen deu relevância aos fatores afetivos, uma vez que para ele estes influenciam diretamente tanto o processo de aquisição/aprendizagem. Em resumo, se o filtro afetivo for baixo, a aquisição de L2/aprendizagem de LE será realizada, de forma eficaz. Mas, se o filtro afetivo for alto, provavelmente, impedirá a aquisição de L2/aprendizagem de LE.

3 METODOLOGIA

3.1 Metodologia e Natureza da pesquisa

A metodologia de investigação utilizada foi a *pesquisa qualitativa-intrepretativista*. Este tipo de pesquisa está associada com uma variedade de métodos, perspectivas e abordagens.

Segundo Minayo (1995, p.21-22):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Ainda sobre a pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de matérias empíricas - estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produção culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais.[...]. Entende-se, contudo, que cada prática garante uma visibilidade diferente ao mundo. Logo, geralmente existe um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

Ou, seja a pesquisa qualitativa desenvolver uma relação de construção de sentido por meio de interpretação e indução entre outros, valorizando os dados não quantitativos. Preocupando-se mais com a subjetividade do todo o processo a fim de chegar ao resultado ao invés apenas de obter o resultado.

A natureza da presente pesquisa é um *estudo de caso*, sendo este um profundo estudo de um ou poucos objetos, a fim de obter um conhecimento amplo e detalhado sobre o objeto(GIL, 2002, p.54). Que no nosso caso são as influências do processo de aquisição de japonês como L2 no processo de aprendizagem de japonês como LE, ou vice-versa de uma aprendiz brasileira recém-chegada no Brasil.

3.2 Contexto de pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma Universidade Pública do Distrito Federal no curso de licenciatura em Língua e Literatura Japonesa, dividido em dois níveis, básico e o intermediário, distribuídos em nove semestres.

O nível básico corresponde ao período de quatro semestres, do 1º até o 4º, onde são oferecidas aulas teóricas e práticas de forma separada. O nível intermediário tem início no 5º e termina no 9º semestre, onde os aprendizes destes períodos passam a focar a parte gramatical, escrita (ênfase na produção e leitura de textos) e oral em uma única disciplina, ou seja, a prática e teoria são abordadas juntas.

A divisão em níveis corresponde aos livros didáticos adotados pelo curso: “*Nihongo Shoho* [Japonês básico]” para o 1º ao 4º semestre; “*Nihongo Chûkyû 1* [Japonês intermediário 1]” para o 5º e 6º semestre, e “*Nihongo Chûkyû 2* (Japonês intermediário 2)” para o 7º e 8º semestre, publicados pela Fundação Japão.

3.3 A participante

A participante desta pesquisa é uma estudante regular do curso acima referido que residiu no Japão como intercâmbista por aproximadamente 1 ano, no período de 1º de outubro de 2013 a 1º de outubro de 2014, retornando para o Brasil e dando continuidade ao curso. Atualmente está no décimo semestre.

Os principais critérios de escolha para a participante foram três:

- a) Tempo entre a volta ao Brasil e o início da pesquisa;
- b) Duração do intercâmbio;
- c) Que estivesse cursando uma disciplina de língua japonesa.

Abaixo apresento um quadro com o perfil geral da participante, logo em seguida um breve relato a respeito da relação da participante com a língua japonesa (doravante LJ).

QUADRO 1 : DADOS DA PARTICIPANTE

Participante	Idade	Sexo	Nacionalidade	L1	L2/LE
C1 ²	29	Feminino	Brasileira	Português	Japonês

² Códigos criado para identificação da participante a fim de garantir a segurança das informações por questões éticas

O interesse da participante para a LJ surgiu inicialmente por gostar do estudo de línguas em geral, além disso, a participante também matinha contato com elementos da Cultura nipônica. Atualmente estuda a língua japonesa acerca de 13 anos e possui o certificado de proficiência em língua Japonesa (*Nihongo Nôryoku Shiken*)³ nível N3.

Antes de ingressar no curso de Licenciatura em Letras-Japonês estudou a LJ em uma escola de idiomas durante o período de agosto de 2001 até o de dezembro 2012. Período este que não foi contínuo, ocorreram algumas interrupções devido ao interesse da participante.

Ao ingressar no curso de Licenciatura em Letras-Japonês por uma universidade no Distrito Federal em 2011 com o intuito de realizar um intercâmbio no Japão. Submeteu o certificado de proficiência em língua Japonesa (*Nihongo Nôryoku Shiken*) antigo exame⁴ Nível N3, dando início assim o curso a partir das disciplinas referentes a língua japonesa do terceiro semestre.

3.4 Instrumentos de coletas de dados

Na presente pesquisa foram utilizados diversos instrumentos de coletas de dados. Os resultados obtidos foram submetidos a uma cuidadosa análise qualitativa, com o intuito de conferir uma maior veracidade aos resultados apresentados nesta pesquisa.

Os instrumentos utilizados foram:

- a) Questionário misto;
- b) Observação de aulas com notas de campo;
- c) Narrativa escrita;
- d) Entrevista semiestruturada individual com gravação de áudio.

3.4.1 Descrição dos instrumentos

Questionário misto

O questionário é, talvez, um dos instrumentos mais comum de coleta de dados, que permite o pesquisador reunir informações que os participantes são capazes de relatar

³ O Exame de Proficiência em Língua Japonesa (*Nihongo Nôryoku Shiken*), desenvolvido pelo Ministério da Educação, Cultura, Esportes, Ciência e Tecnologia no Japão (*Monbunkagakushô*) e, atualmente, influenciado pelo Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QEQR), possui cinco níveis (N1, N2, N3, N4 e N5), sendo que o N5 refere-se ao nível mais básico e o N1 ao nível mais avançado.

⁴ A partir de 2010, foi implementado o Novo Exame de Proficiência em Língua Japonesa.

sobre si mesmo. Identificamos dois tipos de questões abertas e fechadas. Quanto às questões abertas o pesquisador deixa a critério do participante como e o que responder. No que se refere às questões fechadas o pesquisador restringe às opções de resposta do participante, uma vez que estas são colocadas no questionário.

A aplicação do questionário tinha como propósito coletar informações sobre o período em que a participante esteve no contexto Japão como também diferenciá-la do contexto Brasil .

Na presente pesquisa o questionário contém os dois tipos de perguntas, sendo composto por onze questões abertas e nove fechadas, dividido em dois momentos, período em que a participante esteve no Japão e período que retornou para o Brasil. (vide apêndice C)

Observação de aulas com notas de campo

Com o objetivo de uma descrição cuidadosa, sem influenciar, do contexto e as atividades em que o aprendiz está envolvido. O pesquisador utiliza de técnicas de observação (MACKEY; GASS, 2005, p. 175).

Para dar maior confiabilidade e segurança as interpretações e análises do pesquisador foram observadas nove aulas da disciplina de japonês 7 (Quadro 2), durante o período de um mês (Quadro 3). A observação se caracterizou como não participante⁵.

As notas de campo material escrito, sobre o comportamento e do ambiente que o participante está inserido. Produzido durante as observações com intuito de ajudar as interpretações futuras.

QUADRO 2 : DISCIPLINA OBSERVADA E RESPECTIVA EMENTA

Disciplina	Ementa
Japonês 7 - 147524	Aquisição de capacidade de leitura necessária para a compreensão de texto escrito. Desenvolvimento integrado de estratégias de comunicação oral e escrita. Intensificação e expansão de conhecimentos e habilidades adquiridos em fases anteriores, preparando o aluno para lidar, com autonomia e independência, com as situações de comunicação em japonês.

⁵Observação não participante se caracteriza pela qual o pesquisador apenas observa, sem interferir no contexto da pesquisa (GILL, 1999)

QUADRO 3: OBSERVAÇÕES DE AULA

Data	Horário	Tema/Atividade
30/04/2015	19h00 – 20h 40	Leitura e compreensão textual
05/05/2015	19h00 – 20h 40	Simulado prova oral
07/05/2015	19h00 – 20h 40	Notícias/Internet
12/05/2015	19h00 – 20h 40	Pontos turísticos
14/05/2015	19h00 – 20h 40	Leitura e compreensão textual
19/05/2015	19h00 – 20h 40	Apresentação de fotos
21/05/2015	19h00 – 20h 40	Leitura e compreensão textual
26/05/2015	19h00 – 20h 40	Leitura e compreensão textual
28/05/2015	19h00 – 20h 40	Correção do dever de casa

Narrativa escrita

Narrativa escrita é processo em que o sujeito utiliza da memória para relata de forma escrita a sua experiência, permitindo que o pesquisador compreenda e interprete determinado contexto.

Ocorreu para que a participante descrevesse a sua prática de aquisição de L2 no Japão. Com base nela foram elaborados os tópicos que foram utilizados como guia para a realização da entrevista semiestruturada. (vide apêndice D).

Entrevista semiestruturada individual com gravação de áudio

Segundo Mackey e Gass (2005) as entrevistas semiestruturada são menos rígidas, onde o pesquisador prepara tópicos/perguntas para servir como guia durante a entrevista.

Este modelo de entrevista permite flexibilidade, pois o pesquisador pode alterar e acrescentar perguntas a qualquer momento, o entrevistador ao usar esse tipo de entrevista o

pesquisador tem uma ideia geral sobre aonde ele quer que a entrevista chegue, porém não tem o controle total de seu desenrolar. (vide apêndice E).

3.5 Procedimentos para a coleta de dados

Primeiramente, aplicou-se o questionário misto junto à participante. Na etapa seguinte, lançou-se mão das narrativas escritas. Por fim, para fazer os acertos e dirimir as dúvidas existentes, realizamos a entrevista semiestruturada. O processo de aplicação dos instrumentos ocorreu paralelamente ao processo de observação de aulas e notas de campo.

3.6 Procedimentos para análise de dados

Como procedimento de pesquisa, utilizamos a análise de dados que consiste na “preparação e descrição do material bruto, redução dos dados, a interpretação dos dados e a análise transversal” (MOURA et al. 1998, p. 89).

A pesquisa seguiu o seguinte roteiro para sua análise de dados

- a) Coleta de dados;
- b) Descrição dos processos vivenciados pela aprendiz;
- c) Triangulação dados;
- d) Análise e interpretações dos dados.

3.7 Considerações éticas

Segundo Flick (2007, P.69) é preciso seguir alguns princípios éticos para o desenvolvimento de pesquisa nas ciências humanas e sócias. Com base nesses princípios e conduzindo uma pesquisa com a preocupação de evitar qualquer problema e prejuízo ao participante e outros elementos envolvidos na presente pesquisa a coleta de dados foi realizada com forme os itens abaixo:

- a) Apresentação dos objetivos da pesquisa à participante e a explanação quanto às condutas éticas desta pesquisa;
- b) Obtenção da autorização para a realização do projeto tanto por parte da instituição, coordenação quanto por parte do professore e participante;
- c) Reafirmação do consentimento em relação à participação na pesquisa, assegurando ou não dos(as) alunos(as) durante o desenvolvimento da pesquisa;
- d) Criação de códigos para identificação dos participantes a fim de garantir a segurança das informações dos participantes da pesquisa

- e) A omissão do nome da instituição na qual a pesquisa foi realizada;
- f) Retorno dos resultados de pesquisa à instituição, uma vez que uma cópia do trabalho será enviada à instituição.

4 ANÁLISE E INTREPRETAÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo, apresento a análise e a interpretação dos dados desta pesquisa.

A análise tem como objetivo organizar e sumariar os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos (GIL, 1999, p. 168).

Com intuito de alcançar os objetivos traçados na presente pesquisa e verificar as perguntas de pesquisa ambos delineados no capítulo 1, O modus operante da análise foi realizado através da quadriculação dos instrumentos de coleta de dados. Buscando a formação de sentido por meio da intuição/dedução e descrição/interpretação nas respostas do questionário misto correlacionando ao mesmo tempo com narrativa escrita e a entrevista semiestruturada, por fim utilizando as observações em sala para auxiliar na construção do resultado levando em conta a veracidade das respostas dadas pela participante.

Os resultados obtidos serão expostos da seguinte forma: primeiramente contexto Japão, logo em seguida contexto Brasil. Após isso será feito um parâmetro geral.

4.1 Aquisição/aprendizagem da língua japonesa no contexto Japão.

Esta seção vai elucidar a experiência da participante com a língua japonesa no Japão tanto dentro de sala de aula como fora.

A partir dos dados coletados através do questionário, narrativa escrita e a entrevista semiestruturada pude perceber que o desenvolvimento da participante para com a língua se caracterizou bem mais em dois aspectos sendo a habilidade oral e a compreensão oral. Essas duas praticadas constantemente e diariamente tanto dentro quanto fora de aula, ressaltando que as atividades como leitura e escrita eram mais praticadas em sala de aula, podendo assim identificar os dois ambientes⁶ que caracterizam a aquisição da língua-alvo.

Utilizando dos conhecimentos adquiridos previamente estudando a LJ como LE a participante foi capaz de desenvolver certa autonomia com o uso da língua com relação algumas questões cotidianas e para o uso em sala de aula. Para questões mais elaboradas

⁶ Os dois ambientes discretos como informal e formal por McLaughlin (1978).

como ocorreu na vez em que a participante buscou auxílio médico, solicitou a intervenção⁷ de uma amiga nativa que dominava o inglês para que pudesse reportar ao médico a situação em que se encontrava, pois apresentava certa insegurança de explicar claramente em LJ o seu estado de saúde.

A participante relata que parte da sua “aprendizagem” foi devido à conversação diária com japoneses que buscavam explicar de forma simples os enunciados os quais ela não tinha sido capaz de entender, principalmente se tratando de expressões gramaticais até mais do que os substantivos. Remente também a assistência dos nativos na correção e produção de alguns enunciados.

[1] De todo modo, a conversação diária com japoneses me ensinou principalmente expressões de gramática (mais que vocabulário de substantivos em si), especialmente conectivos, como 一方 e ただし, pois eles são muito importantes pra entender a direção que toma o discurso em termos de coesão e porque, pelo tom de voz e expressão facial dos japoneses, às vezes era possível adivinhar, por exemplo, o sentido de uma conjunção adversativa nova para mim; expressões como 確かに, なるほど e とにか
く, que eram muito frequentes na fala. (Questionário).

Em sala de aula a aprendiz conversava em LJ com os demais colegas, entretanto caso a proficiência do colega fosse maior na língua inglês que na LJ a conversa passava para esta língua.

[2] [...]a fala era praticada na conversa com colegas japoneses e estrangeiros da universidade (especialmente os que não falavam bem inglês, pois, quando sabiam comunicar bem ou razoavelmente em inglês, a conversa eventualmente passava a ser nesse idioma, ao menos para explicar a tradução de alguma palavra)”. (Questionário).

Ainda referente aos erros na produção do seu enunciado a participante afirma que mantinha o foco tanto na forma como na transmissão da mensagem, entretanto dava preferência à transmissão da mensagem, uma vez que mesmo ciente do erro gramatical - sendo esse classificado por ela mesma como pequeno – priorizando a continuidade do

⁷ A participante coloca outro tópico o qual a fez ir com uma nativa ao médico, mas esse é devido a um contexto cultural com relação a um provável descaso por parte do médico nativo com uma paciente estrangeira que não conseguia transmitir a mensagem de forma clara para o diagnóstico.

diálogo, por sua vez quando julgava o erro como “grave” a participante corrigia-se⁸ logo ao término da fala.

[3] Preocupava-me com ambos, mas meu foco era muito maior na transmissão da mensagem, em me fazer ser entendida. Se eu cometesse algum erro gramatical, caso esse erro fosse pequeno, eu não ligava e continuava falando, pra não perder o “fio da meada”; se fosse um erro grave de que eu tivesse consciência, eu corrigia assim que terminava a fala, de maneira que eu repetia a parte que eu errei corrigida.(Questionário).

Esta correção costumava ser feita por interlocutores de idades mais elevadas, sendo que para os interlocutores com a idade mais próxima a da participante o erro simplesmente era ignorado, por muitas das vezes se tratar de um enunciado simples de fácil dedução e pelo caráter da participante ser uma estrangeira.

Já as habilidades de escrita e leitura a participante não desenvolveu da forma que ela esperava, mesmo sobre alta exposição dentro e fora de sala. A escrita era praticada em sala de aula através de redações e alguns exercícios, além dessas situações a participante utilizava a escrita também algumas vezes para se comunicar através de e-mails e aplicativos de mensagens instantâneas. Quanto à leitura era desenvolvida por meio de textos literários aplicados em sala como ferramenta para o aprendizado da gramática e expressões da LA, o vocabulário do texto era previamente pesquisado. Já fora de sala o contato era por meio dos rótulos, placas legendas dos programas de TV entre outras formas. Utilizando o dicionário eletrônico de forma constante nas diversas situações tanto dentro quanto fora de sala de aula. A participante acredita ser necessário o estudo formal e em seguida o contato no dia a dia com certa regularidade, principalmente referente ao estudo de *kanji* para que possa interiorizá-lo.

[4] Eu só vou aprender por causa da repetição que eu vejo no dia a dia, os [*kanji*] que eu estudei em sala. Eu posso ver o *kanji* milhares de vezes em sala, mas se eu não tiver o contato com ele nessa parte informal talvez eu nem me dei conta dele[...]então eu preciso aliar essas duas coisas[...]. (Entrevista) (palavras entre colchetes nossas).

⁸ Classificação dada pela própria.

4.2 Aquisição/aprendizagem da língua japonesa no contexto Brasil

Como a anterior esta seção também foi construída através dos dados coletados pelas três instrumentos supracitados, entretanto além desses esta seção também contara com as notas de campos.

Seção desenvolvida com o foco voltado a partir do momento que a participante retornou para o Brasil, não será descartada a experiência da participante com LJ antes do intercâmbio, porém o objetivo desta é elucidar os efeitos do mesmo sobre a LJ da participante.

Durante o período de observação uma das características que ficou bem nítida é a espontaneidade para com a LJ em determinados contextos, a facilidade com que a participante tem de ser expressar chama a atenção até mesmo da professora nativa da LA. Na produção de enunciados formais dentro do contexto aprendizagem imposto pela professora a participante tem certas dificuldades de se expressar da mesma maneira, talvez devido a ambiente artificial que em sala tenta simular de uma conversação real/natural. O foco fica tanto na transmissão da mensagem quanto na forma, causando até uma pequeno atraso na resposta mesmo com vocabulário e estruturas que já são conhecidas e interiorizadas pela participante.

[5] [...] o contato é muito reduzido [sobre a aprendizagem de LJ após seu retorno ao Brasil] e eu já percebi que estou esquecendo palavras que não uso, não leio ou que não ouço mais. Vez ou outra, deparo-me com uma palavra que usava bastante no Japão (ou tento me lembrar de uma expressão que antes estava na ponta da língua), mas levo um bom tempo para me lembrar da expressão.(Questionário) (palavras entre colchetes nossas).

[6] Utilizo em sala de aula (de japonês, duas vezes por semana), entre uma aula e outra [...], quando encontro intercambistas para conversar esporadicamente, e nas redes sociais e LINE para trocar mensagens com amigos no Japão de vez em quando. Fora isso, a comunicação em língua japonesa é muito rara. (Questionário).

[7] Em sala de aula o foco sempre é buscando que a professora entenda, entretanto a preocupação com o falar corretamente ocorre bem mais que fora da sala. (Entrevista).

O contato reduzido não se dá apenas na prática oral e na compreensão oral a produção escrita e leitura também não são tão frequentes, a participante utiliza de meios e técnicas de aprendizagem para tentar, além de escrever algumas vezes em *post* nas redes sócias para suprir essa necessidade.

[8] As vezes escrevo *posts* em língua japonesa ou converso por escrito em japonês com amigos do Japão nas redes sociais, mas, pela natureza das redes sociais os textos não são muito grandes e podem carecer de correção. Mesmo assim, o contato é muito reduzido e eu já percebi que estou esquecendo palavras que não uso, não leio ou que não ouço mais. (Questionário).

4.3 Parâmetro geral

O ensino no contexto Japão dentro de sala de aula, contendo um caráter de ensino de uma língua estrangeira com metodologia e material didático voltado para estudantes não nativos e que não dominam a LA, era obviamente diferente do método de ensino de LJ para crianças e jovens japoneses no sistema educacional daquele país. Apesar dessa diferença, o ambiente de imersão promovido pelo simples fato de os estudantes morarem no Japão durante um ano possibilitou a participante contatos e vivências importantes para um desenvolvimento significativo da aprendizagem/aquisição, diferente do que talvez tivesse obtido enquanto estudava o idioma japonês em seus países de origem.

O tempo todo utilizando o japonês dentro e fora de sala, passando tanto pelos dois processos descritos por Krashen (1987) como consciente e inconsciente. Onde no ambiente controlado⁹ os estudantes estão cientes de que cada momento vivido em sala foi cuidadosamente pensado e planejado para conduzir à aprendizagem, de maneira lógica e adaptada ao contexto da turma, ao nível dos alunos e aos objetivos de aprendizagem de cada um, sendo o livro didático limitado e fixo em conteúdo, vocabulário e etc., é apenas um mero retrato de uma língua, congelada no tempo, ou seja, a data de publicação do livro.

Já fora de sala vivenciando a língua no país estrangeiro, a aprendizagem do idioma é mais natural, inconsciente e livre, pois a quantidade de informação recebida é muito maior e diversificada, o provável *input* ($i + 1$) de que Krashen (1987). Caráter este que até pode ser reconhecido na fala da própria participante.

[9] [...] a qualquer momento, podemos nos deparar com um dado ou informação nova que produza um *insight* ou uma percepção diferente daquela língua.(Narrativa).

⁹ Entende-se por sala de aula

Demonstrando também mais confiança e motivação por parte da aprendiz, ao perceber que um nativo foi capaz de compreendê-la e pela autenticidade da situação.

[10] [...] às vezes dá a sensação de que o japonês que a gente aprende aqui nem é o mesmo que é falado lá haha. Brincadeiras à parte, devo admitir que, ao ser ouvida por um japonês nativo desde a primeira vez no Japão (por exemplo, quando perguntei na rua onde ficava o dormitório da faculdade de Okayama) e perceber que ele me entendeu de fato, me deu muita confiança na minha capacidade de comunicar na língua japonesa.(Questionário).

[11] [...]Ao interagir com os nativos, principalmente ao ouvi-los, dava a sensação de maior autenticidade do que falar com professores ou alunos no Brasil, ouvir um diálogo no CD do material didático, ou até mesmo assistir a um programa de televisão japonês, pois a linguagem desse pode ser muito formal ou elaborada demais.(Questionário).

Dentro do aspecto motivacional cabe ressaltar que a participante tinha a crença que a vivência no contexto Japão seria o suficiente para a sua aquisição/aprendizagem da língua, entretanto o seu rendimento em sala não se encontrava satisfatório, passando então a conciliar estudo e vivência obteve então a efetividade que esperava.

[12] [...]achava que, por estar em imersão no Japão, a aprendizagem ocorreria naturalmente, quase que por osmose. Mas eu me enganei e percebi que o meu andamento nas aulas não estava tão satisfatório. Eu percebi que a aprendizagem efetiva dependia muito mais do meu esforço individual do que só assistir às aulas e vivenciar o dia-a-dia.(Questionário).

Evidenciando assim na participante a teoria de Sakoda (2002 apud MUKAI 2009) onde a aprendizagem teve efeito sobre o processo de aquisição.

Durante a entrevista semiestruturada a participante apresentou os seus conceitos para com aprendizagem e aquisição, sendo a aquisição o resultado da aprendizagem onde a aprendizagem está ligada à memória de curto prazo e a aquisição a conversão da informação para a memória de longo prazo.

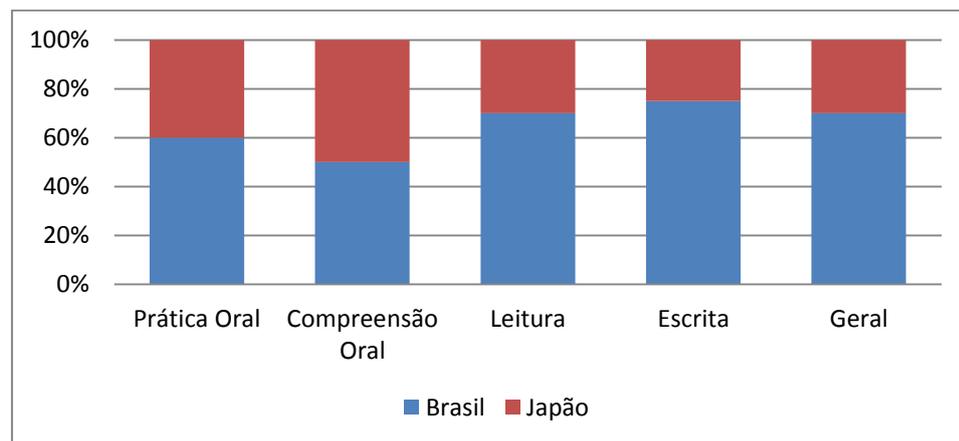
[13] [...] Eu ainda estou com a crença que para você adquirir, você tem que aprender primeiro; não sei se isso é verdade, mas eu tenho essa visão.[...] Eu acho que tem a ver a com a memória de longo prazo [...] que já tá natural

quando você precisa dizer algo em japonês e não ocorre um esforço para lembrar.(Entrevista).

Essa percepção da aprendiz está fortemente ligada com sua interpretação dos resultados aprendizagem/aquisição da LJ no contexto Japão, devido ao longo período que a participante estudou LJ no contexto Brasil, a participante acredita que mais teve a oportunidade de fixar o conhecimento já adquirido elaborando ela mesma uma porcentagem diferenciando o que aprendeu no Japão e o que aprendeu no Brasil.

O gráfico abaixo representa o conhecimento da LJ da participante descrito por ela mesma no questionário.

GRÁFICO 1 - CONHECIMENTO DA LJ DA PARTICIPANTE



(gráfico nosso)

Na prática oral a porcentagem apresenta 60% de conhecimento desenvolvido no contexto Brasil contra 40% no contexto Japão. A compreensão Oral a participante descreveu como 50% para ambos os contextos. Já a leitura 70% para o contexto Brasil e 30% contexto Japão. Por fim, a habilidade de escrita sendo 75% e 25% respectivamente contexto Brasil/Japão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 Conclusão

A presente pesquisa teve como objetivo identificar e observa o processo de aprendizagem/aquisição de uma aprendiz brasileira de LJ em contexto Brasil e no contexto Japão. Por meio das respostas das seguintes perguntas propostas na seção 1.2:

a) Qual é o processo de aquisição de japonês da participante como L2 no contexto japonês?

b) Qual é o processo de aprendizagem de japonês da participante como LE no contexto brasileiro?

c) Como o processo de aquisição de L2 influencia no processo de aprendizagem de LE, ou vice-versa?

A partir dos dados coletados houve a possibilidade de responder as questões anteriormente citadas. Começando pela resposta da primeira pergunta: “Qual é o processo de aquisição de japonês da participante como L2 no contexto japonês?”.

Durante o período em que estive no Japão o contato da participante com a língua aumentou em larga escala e em todos os aspectos desde ambientes formais que exigem certas condutas a simples situações habituais do dia-a-dia que não exigem uma linguagem formal e mais estruturada. A participante estava constantemente recebendo informações novas e de diversas formas diretas ou indiretamente, por exemplo, escutar uma conversa entre os nativos seria uma forma indireta. Já um exemplo de forma direta seria uma situação onde ela desempenharia o papel de locutor ou interlocutor. Essas situações podem ser descritas como a teoria do *input* de Krashen (1987). Levando em consideração que o estímulo pode não ter sido o suficiente em determinada situação, inserida no contexto Japão provavelmente em uma situação futura ocorreria onde este ‘estímulo’ seria efetivo. A participante ainda utilizou da aprendizagem formal para efetivar ainda mais o desenvolvimento da língua.

A segunda pergunta: “Qual é processo de aprendizagem de japonês da participante como LE no contexto Brasileiro?”. Através dos dados obtidos destaca-se que o contato com a língua foi reduzido. A participante não só utiliza a língua, mas como também receber informações novas com bem menos frequência sendo que essas situações ocorrem mais no ambiente formal, ou seja em sala de aula. Entretanto, em determinadas situações de caráter informal, como conversas paralelas com a professora e intercambistas, a participante ainda

mostra desenvoltura para com a língua se comunicando não só com mais rapidez mas também com mais espontaneidade.

Por, fim a terceira e ultima pergunta: “Como o processo de aquisição de L2 influencia no processo de aprendizagem de LE, ou vice-versa?”. Após a construção de conceito de aprendizagem/aquisição feito através da teoria de Krashen (1987) foi possível identificar através dos dados coletados a diferença vivencia da aprendiz em ambos os contextos pelos relatos e até mesmo pela a concepção da participante em relação à diferenciação de aprendizagem e aquisição. Chegando ao resultado de que ambos os contextos se complementaram de forma que um influenciou diretamente no resultado do outro e vice-versa. Pois a participante no primeiro momento no contexto brasileiro aprendeu a língua japonesa com o contexto de LE, mas uma vez que teve a oportunidade de realizar o intercambio no Japão, vivenciado a língua então em um contexto de L2, absorveu certas características que ao retorna para o Brasil manteve, por exemplo a naturalidade e espontaneidade que busca não só na construção dos enunciados mas também ao ouvir um produzido por outro aprendiz.

5.2 Contribuições do estudo

O presente estudo foi elaborado com o proposito de instigar a reflexão entre aprendizagem/aquisição da LJ em diferentes contextos –Brasil/Japão, tendo em vista a influência que cada um dos contextos exerce sobre o conceito da respectiva nomenclatura utilizada e como eles se afetam. Podendo assim através dos resultados obtidos desenvolver técnicas e abordagens que efetivem ainda mais o ensino da LJ nos dois aspectos seja por meio da aprendizagem ou da aquisição, evidenciando a importância do ambiente seja ele artificial ou natural.

5.3 Limitações da Pesquisa

A maior limitação da presente pesquisa foi perante a construção do contexto Japonês, pois para isso a pesquisa utilizou principalmente da memória da participante, podendo ter ocorrido uma pequena imprecisão na coleta de dados influenciada pelo tempo decorrido entre a coleta e estadia da participante no Japão.

Outra limitação é devido ao caráter bem específico do estudo de caso com somente uma participante, não podendo generalizar o resultados ainda mais pelas variantes como tempo de estadia, tempo de estudo da LJ entre outros fatores que alterariam os dados.

REFERÊNCIAS

BIALYSTOK, E. **A theoretical model of second language learning.** *Language Learning*, v. 28, n. 1, p. 69-83, 1978.

BROWN, H. D. **Principles of Language Learning and Teaching.** 5. ed., New York: Pearson Education Inc., 2007. (Capítulo 5 “Styles and Strategies”, p. 118-151; Capítulo 6 “Personality factors”, p. 152-186; Capítulo 7 “Sociocultural factors”, p. 188-217; Capítulo 8 “Communicative competence”, p. 218-246; Capítulo 9 “Cross-linguistic influence and learner language”, p. 248-284.)

CALLEGARI, M. O. V. **Reflexões sobre o modelo de aquisição de segundas línguas de Stephen Krashen: uma ponte entre a teoria e a prática em sala de aula.** *Trab. linguist. apl.*, Jun 2006, vol.45, no.1, p.87-101. ISSN 0103-1813. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v45n1/a06.pdf/>>. Acesso em: 22 de abr. 2015, 23:15.

DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna (orgs). **Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** 2 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

DOUGHTY, Catherine J. LONG, Michael H. **The Handbook of Second Language Acquisition.** Oxford: blackwell publishing, 2005.

ELLIS, R. **Understanding second language acquisition.** Hong Kong: Oxford University Press, 1987.

_____. **The Study of Second Language Acquisition.** Oxford: Oxford University Press, 1994 (Oxford Applied Linguistics). (Capítulo 1: “Second language acquisition research: an overview”, p. 11-40.)

_____. **Second Language Acquisition.** Hong Kong: Oxford University Press, 1997 (Oxford Introductions to Language Study). (Part Five “Explaining individual differences in second language acquisition”, p. 477-560.)

_____. **Task-based language learning and teaching.** Oxford: Oxford University Press, 2003.

FIGUERDO, F. J. Q. **Aquisição e aprendizagem de segunda língua.** [s.l], Signótica. 1995. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/view/7380/5246>>. Acesso em: 22 de abr. 2015, 23:15.

FLICK, U. **Designing Qualitative Research.** New Delhi: Sage, 2007.

GIL, A .C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Como elabora projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GASS, S. M. Language universals and second-language acquisition. **Language Learning**, n. 39, 1989, p. 497-534.

KRASHEN, S. **Second language acquisition and second language learning.** Oxford: Pergamon, 1981.

_____. **Principles and practice in second language acquisition.** New York: Pergamon, 1982.

_____. **The input hypothesis: issues and implications.** Harlow: Longman, 1985.

_____. **Principles and Practice in Second Language Acquisition.** 1. ed. Londres: Prentice-Hall International, 1987 (Language teaching methodology series).

LIGHTBOWN, P. M.; SPADA, N. **How Languages are Learned.** Oxford University Press, 3. ed., 2006. (Capítulo 2 “Explaining second language learning”, p. 29-51; Capítulo 3 “Individual differences in second language learning”, p. 53-76; Capítulo 4 “Learner language”, p. 71-90.)

MACKEY, A.; GASS, S. M. **Second Language Research: methodology and design.** 1. ed. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.

McLAUGHLIN, B. **Second-language acquisition in childhood.** New Jersey: Hillsdale, 1978.

MILROY, L.; MUYSKEN, P. A psycholinguistic approach to codeswitching. **One speaker, two languages** cross-disciplinary perspectives on code-switching, ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: ABRASCO; 1992.

MUKAI, Y. **A interlíngua dos aprendizes brasileiros de língua japonesa como LE, com enfoque no uso das partículas wa e ga**. 2009. 262f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009.

SANTOS, J. C. D. **Os pronomes/ formas de tratamento no português e a cultura brasileira: aquisição de segunda língua e aquisição de segunda cultura**. 2008. Cap 2. Tese (Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio). Disponível em <<http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/acessoConteudo.php?nrseqoco=39785>>. Acesso em 07 jun. 2014, 15:00.

ORTEGA, L. **Understanding Second Language Acquisition**. 1. ed. Londre: Hodder Education, 2009.

PAIVA, V. L. M, O. **Modelo fractal de aquisição de línguas**. In: BRUNO, F. C. (Org.). Ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras: reflexão e prática. 1. ed., São Carlos-SP: Claraluz, 2005, p. 23-36.

PAIVA, V. L. M, O. **Aquisição de segunda língua**. São Paulo: Parábola, 2005. (Capítulo 2 “modelo monitor, hipótese do input ou da compreensão”, p. 27-50.)

YOKOTA, R. Aquisição/aprendizagem de línguas estrangeiras – aspectos teóricos. In: BRUNO, F. C. (Org.). **Ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras: reflexão e prática**. 1. ed., São Carlos-SP: Claraluz, 2005, p. 11-22.

LISTA DOS APÊNDICES

- Apêndice A - Termo de consentimento
- Apêndice B - Carta de solicitação de autorização para pesquisa (ao professor)
- Apêndice C - Questionário
- Apêndice D - Narrativa escrita
- Apêndice E - Entrevista semiestruturada

APÊNDICE A – Termo de consentimento**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Eu, _____, li antes de assinar este documento e declaro que concedo ao investigador **Bruno da Costa Souza** o direito de uso dos dados coletados por meio de questionários escritos, entrevistas orais, narrativa escrita e observações de aulas (com gravações de áudio) e concordo em participar voluntariamente da investigação, assegurando que as informações por mim divulgadas serão verídicas. Estou ciente de que:

- A minha participação é de natureza voluntária e que, em momento algum, me senti coagido(a) a participar;
- Posso retirar o meu consentimento e encerrar a minha participação em qualquer estágio da investigação;
- Todas as minhas respostas escritas ou orais permanecerão anônimas e a minha identidade será totalmente resguardada, sendo apenas identificadas por pseudônimo ou código;
- As minhas respostas poderão ser utilizadas no todo ou em parte, em comunicações em congressos, publicações em livros, periódicos impressos ou *online*;
- A minha participação nesta investigação envolverá o preenchimento de questionários escritos e a participação de uma entrevista oral individual e uma narrativa escrita.

Fui informado(a) de que terei a minha identidade preservada por pseudônimo ou código, conforme um dos princípios éticos da investigação acadêmica. Afirmando, ainda, que recebi uma cópia deste termo de consentimento.

Brasília, _____ de _____ de 2015.

(assinatura do/a participante)

Contato (e-mail): _____
Pesquisador: Bruno da Costa Souza (xxxxxx@unb.br)

APÊNDICE B – Carta de solicitação de autorização para pesquisa (ao professor)**CARTA DE SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA
(AO PROFESSOR)**

Ao(À) professor(a),

Sou formando do curso de Letras em Língua e Literatura Japonesa – Licenciatura do UnB e venho por meio desta, solicitar permissão para observar as suas aulas por um período de 1 (um) mês para coletar dados para minha pesquisa a respeito do ensino e aprendizagem de língua japonesa como língua estrangeira.

Agradeço antecipadamente pela colaboração e disposição.

Brasília, _____ de _____ de 2015.

Pesquisador: Bruno da Costa Souza

APÊNDICE C – Questionário**QUESTIONÁRIO****I. Sobre o período que esteve no Japão responda às perguntas abaixo.**

1) De que maneira aquilo que você aprendeu no Brasil serviu para o aprendizado de japonês no Japão?

2) Como foi sua aprendizagem de japonês (fala, escrita, compreensão oral e leitura) no Japão no dia a dia (tanto na escola como fora da sala)?

3) Qual habilidade linguística (fala, escrita, compreensão oral e leitura) você focava mais no seu aprendizado? Justifique.

4) Você acha que conseguiu aprender o japonês lá no Japão? Por que sim ou por que não?

5) Quando utilizava o japonês para se comunicar, a sua preocupação estava na transmissão da mensagem ou se a sentença gramatical que produzira estava correta? Justifique.

6) De que maneira aquilo que você aprendeu no Japão está influenciando a aprendizagem atual de japonês no Brasil?

II. Sobre o período de volta para o Brasil responda às perguntas abaixo.

7) Como está sua aprendizagem de japonês (tanto na sala de aula como fora dela)?

8) Qual habilidade linguística (fala, escrita, compreensão oral e leitura) você foca mais no seu aprendizado? Justifique.

9) Com que frequência utiliza o japonês para se comunicar?

10) Ao se comunicar em japonês seu foco está na transmissão da mensagem ou e a sentença gramatical está correta.

11) Você acha que conseguiu/consegue aprender o japonês aqui no Brasil? Por que sim ou por que não?

III. Leia cada sentença com atenção, reflita e então escolha uma resposta. Não há questões certas ou erradas.

12) A motivação para estudar japonês no Japão é mais alta do que no Brasil.

() Concordo plenamente () Concordo () Não concordo nem discordo () Discordo () Discordo completamente

13) É mais fácil aprender japonês no Japão do que no Brasil.

() Concordo plenamente () Concordo () Não concordo nem discordo () Discordo () Discordo completamente

14) Senti-me mais segura falando japonês no Japão do que no Brasil.

() Concordo plenamente () Concordo () Não concordo nem discordo () Discordo () Discordo completamente

15) É possível aprender japonês fora do Japão, como no Brasil.

Concordo plenamente Concordo Não concordo nem discordo Discordo Discordo completamente

16) O que tinha aprendido no Brasil foi útil no Japão.

Concordo plenamente Concordo Não concordo nem discordo Discordo Discordo completamente

17) Eu aprendi mais a falar em japonês no Japão do que no Brasil.

Concordo plenamente Concordo Não concordo nem discordo Discordo Discordo completamente

18) Eu aprendi mais a escrever em japonês no Japão do que no Brasil.

Concordo plenamente Concordo Não concordo nem discordo Discordo Discordo completamente

19) Eu aprendi mais a compreender mensagens orais em japonês no Japão do que no Brasil.

Concordo plenamente Concordo Não concordo nem discordo Discordo Discordo completamente

20) Eu aprendi mais a ler em japonês no Japão do que no Brasil.

Concordo plenamente Concordo Não concordo nem discordo Discordo Discordo completamente.

APÊNDICE D – Orientações para a narrativa Escrita

ORIENTAÇÕES PARA A NARRATIVA ESCRITA

Prezada participante,

A narrativa escrita é um instrumento de coleta de informações com base em suas recordações e lembranças significativas/relevantes na construção da presente pesquisa. Neste caso refiro-me à sua **experiência como aprendiz da língua japonesa em ambos os contextos, L2** (aprendizagem/aquisição ocorrida no Japão) como também como LE (aprendizagem/aquisição ocorrida no Brasil).

Na construção da mesma, destaque os fatos significativos que vêm a sua memória com relação às **diferenças do ensino da língua japonesa no Japão e no Brasil**, fazendo um relato de como você acredita que a **língua japonesa é aprendida tanto no contexto brasileiro como no contexto japonês, considerando sua experiência enquanto aluno em sala de aula e como indivíduo presente e participante no ambiente da língua-alvo**. Descrevendo suas impressões quanto aos professores nos dois contextos. Relate a **sua motivação para aprendizagem como ela ocorria no Japão e como ele ocorre no Brasil**, se sua preocupação no ambiente formal (sala de aula) estava voltada para transmissão da mensagem ou na construção gramatical. **Diferenciando também sua experiência em um ambiente informal (comunidade) expondo situações em quais utilizou o conhecimento adquirido em sala de aula ou que aprendeu ou foi corrigida por um nativo algum tópico referente à língua japonesa.**

APÊNDICE E – Entrevista semiestruturada

Roteiro entrevista semiestruturada

- 1) Qual seria a sua concepção dos termos aquisição e aprendizagem?
- 2) Após retornar para o Brasil sua motivação para o estudo da língua japonesa aumentou?
- 3) Você sentiu-se mais receptiva a aprender a língua japonesa no Japão ou no Brasil?
- 4) Ao chegar no Japão você utilizou a língua japonesa de imediato ou passou por algum período de silêncio até sentir-se confortável para usá-la?
- 5) Quanto à correção do erro, ela costumava ser mais frequente por parte de que tipo de pessoas?
- 6) Você teve dificuldades em desenvolver as habilidades de escrita e leitura no Japão. Poderia me explicar melhor?
- 7) Tanto no questionário como na narrativa, você disse que mais fixou/corrigiu a língua que aprendeu. Poderia me explicar melhor?
- 8) As técnicas de aprendizagem que você citou na narrativa escrita, você chegou a utilizá-las no Japão?
- 9) No Brasil em sala de aula ou seu foco está na transmissão da mensagem ou na forma?
- 10) Você acreditava que só o fato de estar no Japão seria o suficiente para obtenção da língua, porém após perceber que não estava obtendo o resultado esperado passou a se dedicar mais ao estudo formal. Você acha que isso ocorreu por quê?